

Apresentação

Bruno Sanches Mariante da Silva
Pedro Carvalho Oliveira
Editores-chefes

A 29 de abril – Revista de História chega ao seu segundo número em um momento de intensa efervescência nacional e internacional. As eleições brasileiras, cercadas por ansiedades e perspectivas distintas sobre os próximos quatro anos, refletem os resultados de intensos anos recém passados, atravessados por uma pandemia, crise econômica e violência política. Na Ucrânia, a Rússia intensifica sua ofensiva para submeter seu vizinho a uma ordem definida por Moscou, perpetuando um cenário de violência e angústia. As disputas com a OTAN nos lembram da Guerra Fria, sobretudo quando as ameaças de uso de armas nucleares são colocadas à mesa. Ao mesmo tempo, estamos diante de um momento crítico da situação ambiental: analistas responsáveis pedem mudanças drásticas no comportamento econômico internacional, pois os prognósticos para o futuro são desoladores.

Trata-se, portanto, de um momento que, como muitos, exigem dos profissionais da história um envolvimento intenso. Devemos nos lembrar do que nos disse Marc Bloch, em “Apologia da História ou o ofício de historiador”: a história, ao olhar para o passado, deve fazê-lo buscando responder a questionamentos do presente. Afinal, o presente é aquilo que o passado permitiu; um passado que não está morto e enterrado, como argumenta François Bédarida em “Tempo presente e presença na história”, pois continua a assombrar nosso tempo. Portanto, conhecer os desdobramentos dos processos humanos que têm causado tanta repercussão, nacional e internacionalmente, é um exercício fundamental para pensarmos na garantia de dias menos sombrios. Aperfeiçoar as relações humanas deve ser um propósito da história.

Neste sentido, as contribuições que compõem esta edição colaboram com isto ao olharem para o presente sem se esquecer de sua intrínseca relação com o passado. Em *A cegueira que produz sujeitos ausentes: por uma metodologia de ensino antirracista e decolonial*, Luiz Gustavo Mendel Souza nos fornece um olhar acurado sobre a persistência de um tipo de ensino, no qual o racismo e o colonialismo se apresentam mesmo diluídos em conteúdos que aparentemente buscam se desfazer destes problemas. Repensar métodos de ensino de história é, para o autor, uma forma de

resolver questões relacionadas à persistência do sistema de ideias racistas que se perpetua em nossas sociedades.

O artigo *Para além da propriedade rural - A importância da Reforma Agrária como solução ambiental para o bioma brasileiro*, de Bruna dos Santos, nos fornece um espaço de reflexão sobre o passado e o presente das questões ambientais brasileiras, centralizando seu debate na ação política. É, portanto, um texto que se debruça sobre um ponto crucial para a conjuntura por nós vivida: a do temor quanto a problemas ambientais. Já em *A ausência de evangélicos no documentário “O Mito de Bolsonaro: o que pensam e como se organizam seus apoiadores?”*, de *Vice Brasil*, Caius Costa Amaral de Souza e Wander de Lara Proença esmiuçam o contexto sociopolítico nacional, tendo em vista a relação do atual governo com a religião, um dos instrumentos mais utilizados pela política contemporânea desde o século XX.

Por fim, Lucas Barroso Rego e Joana Josiane Andriotte Oliveira Lima Nyland encerram a edição com *Do Queijo das Críticas aos Vermes da Inquisição: a vivência e as ideias heréticas de Domenico Scandella*, relevante análise sobre a importância de recorrermos à história para decifrarmos a persistência de ideários como a visão sobre a religiosidade como instrumento de poder. O texto busca em um clássico da historiografia a fonte para o debate que imprime, dialogando com o passado com os pés no presente.